

## A Banalização da Fotografia na Era das Redes Sociais<sup>1</sup>

Aline Santos SOUZA<sup>2</sup>

Íria Catarina Queiróz BAPTISTA<sup>3</sup>

Centro Universitário Unifacvest, Lages, SC

### RESUMO

Presente na vida cotidiana do homem contemporâneo, a fotografia digital tornou-se extremamente popular e acessível após a democratização do ato fotográfico, proporcionada através do barateamento dos aparelhos portadores dessa tecnologia. No entanto, o seu uso exagerado e indiscriminado vem provocando a banalização da mesma, cujo qual tem se tornado efêmera e descartável com a popularização das redes sociais. Contudo, se por um lado a democratização da fotografia digital contribui para a melhoria da vida diária, pelo outro, ela acarreta uma série de novos problemas, tais como o narcisismo exacerbado que se manifesta através das *selfies* e a perda do álbum de família tradicional.

**PALAVRAS-CHAVES:** banalização; fotografia digital; redes sociais; democratização.

### Introdução

Tirar uma *selfie* com os amigos, de si mesmo ou com seu ídolo; pagar contas pelo telefone com uma única foto; guardar, editar ou armazenar milhares de fotografias no disco rígido de um computador e postar em suas redes sociais favoritas; ou simplesmente, com um único clique, fazer um registro daquela matéria irritante que o professor passou no quadro, na qual o aluno encontra-se indisposto para copiá-la.

Todas essas situações citadas acima e outras tantas não listadas, hoje, são tão simples e ordinárias em nosso cotidiano. A fotografia há tempos deixou de ser uma exclusividade dos mais afortunados e profissionais da área para se tornar uma atitude corriqueira das massas, um *hobbie* muitas vezes sem face e nenhum pudor.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 junho de 2017.

<sup>2</sup> Acadêmica do 5º semestre de Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário Unifacvest. E-mail: [alinstossouza@gmail.com](mailto:alinstossouza@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Jornalista e publicitária, formada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora universitária do curso de Comunicação Social do Centro Universitário Unifacvest – Lages-SC, Brasil. Mestra e doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. E-mail: [jornalista601@hotmail.com](mailto:jornalista601@hotmail.com).

Econômica, prática e instantânea, a fotografia digital atualmente está presente em câmeras compactas, *smatphones*, *tablets* e em outros tantos aparelhos eletrônicos. Fruto do crescimento econômico e tecnológico da sociedade capitalista, a fotografia é extremamente popular e instantânea, principalmente com o surgimento das redes sociais, tais como, o *Facebook*, *Instagram* e *Snapchat* e com a democratização do acesso aos aparelhos eletrônicos portadores dessa tecnologia.

Todavia, o seu uso excessivo e desenfreado traz uma série de questionamentos que são constantemente debatidos entre estudantes e profissionais da área da comunicação, além de vários problemas e consequências que serão abordados ao longo deste artigo, como a banalização, o narcisismo e a perda do álbum de família tradicional.

### **A banalização da fotografia**

Fotografar nunca foi tão fácil, rápido e barato como hoje. Se há pouco mais de vinte anos o ato de fotografar era visto como algo caro, trabalhoso e demorado, o mesmo não se pode ser dito atualmente. A crescente popularização das redes sociais e o aumento estrondoso do número de *selfies*, aliado as mais recentes inovações tecnológicas e ao fluxo contínuo da convergência midiática, tornou a fotografia em um ato corriqueiro acessível até ao mais leigo dos usuários, o que por sua vez acaba resultando em um sério e desenfreado problema: a banalização da fotografia. (FONTCUBERTA, 2012).

Segundo o Dicionário Michaelis<sup>4</sup>, a palavra banalizar significa: “Tornar(-se) banal; mediocrizar(-se), vulgarizar(-se).”. Desta forma, tornar uma imagem banal, não significa necessariamente que esta seja vulgar, muito pelo contrário, a fotografia *kitsch* é visto como um estilo, o que torna fotografia vulgar e banal é o seu uso frequente e desnecessário, na qual geralmente é tirado mais fotos do que o necessário, sendo que a grande maioria jamais será impressa ou compartilhada nas redes sociais, tornando a fotografia cada vez mais efêmera e descartável.

De acordo com Côrrea (2009, p.28), o descarte fotográfico, dentre outros fatores, pode ser visto como uma forma de banalização:

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=banalizar>>

Diversas imagens fotografadas são excluídas antes de serem impressas por diversas razões, seja por má qualidade da imagem, pelo fato de se ter tirado outras fotografias semelhantes ou simplesmente por não se gostar do resultado. Não há qualquer razão para que o fotógrafo guarde as imagens consideradas ruins, mas isto só prova como a fotografia vem sendo tratada de um modo banal.

Um exemplo prático da efemeridade da fotografia do século XXI são as imagens postadas pelos usuários das redes sociais *Snapchat* e do *Instagram Stories*<sup>5</sup>, onde todas as fotos publicadas são apagadas após 24 horas da sua publicação e devem ser feitas naquele exato instante, podendo ou não, utilizar os recursos oferecidos pelos programas, como por exemplo, os filtros e a funcionalidade da escrita.

Conforme Sontag (2004, p. 10), “pouca importância têm as atividades que são fotografadas, contanto que se tirem fotografias e que essas sirvam de lembranças”. Desta forma, o conteúdo e a qualidade do que é retratado, pouco ou muito pouco importa, uma vez que este não terá muito tempo de vida útil sendo “deletado” do mundo virtual com a mesma facilidade com que o mesmo foi feito, servindo essencialmente como uma fonte de entretenimento e de lembrança – mesmo que seja “passageira”.

Todavia, seria errôneo afirmar que a baixa relevância do conteúdo fotografado seja uma consequência da popularização da fotografia digital, uma vez que esta já se manifestava antes mesmo dessa inovação tecnológica, quando ainda se utilizava a fotografia analógica. Talvez, a maior diferença entre esses dois processos da fotografia, seja justamente a questão da efemeridade, que não se encontra presente na fotografia analógica, que geralmente era impressa e produzida com menor frequência e quantidade, devido aos limites impostos pelo rolo fotográfico e ao alto preço da revelação.

Se a finitude e o descarte da fotografia digital se apresenta como um tipo de banalização, o mesmo pode dito a respeito da produção excessiva de cópias, que mais do que uma necessidade, se tornou um hábito (CÔRREA, 2009). Os motivos por trás da reprodução excessiva vão além do simples fato de buscar a melhor foto ou garantir que aquele momento único fotografado tenha ficado perfeito, eles estão associados a uma série de fatores, indo desde a “mania” por fotografar, passando pela promoção de *status*

<sup>5</sup> Lançado em 02 de agosto de 2016, o *Instagram Stories* (Histórias do *Instagram*) é uma nova funcionalidade que funciona dentro e paralelamente do *Instagram*, não interferindo nas postagens principais do usuário, na qual as imagens publicadas ficam *on-line* por apenas 24 horas sendo automaticamente deletadas após esse período. É semelhante ao “Minhas Histórias” do *Snapchat*. Disponível em: <<http://blog.instagram.com/post/148348940287/160802-stories>>

social e se encerrado em um radical em comum para praticamente todos os usuários: a facilidade de se fotografar, aonde até mesmo o mais leigo sujeitos pode tirar uma foto, bastando apenas apertar o botão.

É nessa mesma perspectiva que Kawakami (2012, p. 172) pontua sobre a produção exacerbada das imagens e a sua banalização:

Pode-se dizer que a produção exacerbada de fotografias fez com que a mesma acabasse por ser banalizada. Pode parecer extremo, no entanto, para muitos, as fotografias são vistas como veículos visuais que podem ser produzidos por qualquer um que saiba disparar o botão da máquina fotográfica.

Outro ponto importante que vale a pena salientar é que a produção massiva faz com que a fotografia perca aquilo que a torna especial e peculiar. Em *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*, Walter Benjamin (1994, p. 167) afirma que “mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte, sua existência única, no lugar em que se encontra.”. Isto, a que o autor se refere é aquilo que ele atribui o nome de “aura”, que é o responsável por dar à imagem o sentido de “singularidade” e “autenticidade”, cujo qual se perde através da sua reprodução exagerada.

Em uma linha próxima de pensamento, no entanto, um pouco mais restrita, Barthes (2015) atribui a algumas fotografias o que ele chama de “*punctum*”, que seria a capacidade da imagem de provocar um fascínio e interesse por parte do *spectator* e, de “pungir” os sentimentos daquele que a observa. Uma fotografia que possui o *punctum* é uma imagem diferente de qualquer outra, pois ela é estimada e única, o que evita que ela se torne banal.

O negativo fotográfico diferentemente do cartão de memória conserva a integridade da imagem, não que esta não possa ser manipulada, pois ela pode, mas naquele local em que está armazenada, ela se encontra de maneira intocada e fiel a sua essência. Para Benjamin (1994, p. 174), “A aura acena pela última vez na expressão fugaz de um rosto, nas antigas fotos. É o que lhes dá sua beleza melancólica e incomparável.”.

Ao contrário do que acontece com a fotografia analógica, a fotografia digital devido a sua banalização “evoca” cada vez menos o sentimento de melancolia e importância sentimental, como as fotos antigas fazem. É claro que há exceções, possuindo excelentes contas e páginas no *Facebook* e no próprio *Instagram*, que têm a

intenção de mostrar a importância e significância da fotografia, evitando a sua banalização de forma proposital, diferente do que ocorre com as típicas fotos tiradas na frente do espelho que agrega pouco ou nada em relevância se repetindo ao esmo.

Alguns outros autores salientam ainda que a baixa qualidade das imagens fotografadas por meio do uso de câmeras fotográficas compactas, *tablets* e *smartphones* contribuem como mais um meio de banalizar a fotografia. Entretanto, essa visão muito em breve se tornará obsoleta em virtude da rapidez em que ocorrem os avanços tecnológicos, havendo neste exato momento, câmeras compactas e *smartphones* que oferecem qualidade fotográfica igual ou até mesmo superior a de muitas câmeras profissionais.

Recentemente, alguns celulares mais novos e considerados “*tops de linha*” disponibilizaram uma funcionalidade bastante conhecida dos fotógrafos profissionais: o controle da velocidade do obturador. Esse aperfeiçoamento possibilita um excelente ganho de qualidade de imagem, principalmente nas fotos noturnas, mas que ainda é muito pouco conhecido pelos indivíduos portadores desses aparelhos, que quase sempre optam por fotografar no automático.

Contudo, o maior problema da banalização é o fato de que ela não se evidencia como um. Filha da revolução industrial, a fotografia cresceu no âmago de uma sociedade sedenta por exibir seus *status*, motivo pelo qual, a mesma era reservada no início apenas por profissionais da área e pessoas com maior poder aquisitivo. (ROIULLÉ, 2009).

A democratização e a popularização dos aparelhos fotográficos e *smartphones* criaram uma revolução imagética de tal magnitude, que nem mesmo a criação da *Kodak Brownie* e da *Polaroid* atingiram tal patamar. Entretanto, ambas foram responsáveis por modificar o comportamento da sociedade moderna que adentrava no século das grandes invenções tecnológicas e, desta forma, a maneira de se consumir imagens também mudou, a ponto destas se tornarem oniscientes e passíveis da banalização.

Segundo Flusser (1984, p. 34), o uso excessivo da fotografia vem passando despercebido sob a nossa ótica:

As fotografias nos cercam. Tão onipresentes são, no espaço público e no privado, que sua presença não está sendo percebida. O fato de passarem despercebidas poderia ser explicado, normalmente, por sua circunstancialidade: estamos habituados à nossa circunstância, o hábito a encobre, somente percebemos alterações em nosso cotidiano.

Ainda a respeito desse entendimento, Barthes (2015) enfatiza que as fotografias chegam até o *spectador* sem que o mesmo a procure, o que acaba por causar uma saturação e poluição visual, principalmente se esta estiver condicionada as propagandas e veículos de comunicação. No entanto, haja vista que existem exceções, no qual os usuários de redes sociais, como o *Instagram* e o *Snapchat*, são grandes consumidores e produtores de imagens, que chegam até eles devido as suas escolhas pessoais, por livre e espontânea vontade. Já em contrapartida, o *Facebook* oferece a opção para filtrar conteúdos gerados por outras pessoas, permitindo um ambiente mais limpo e interessante, mas não inteiramente livre da poluição fotográfica.

Se por um lado, a popularização e barateamento das novas tecnologias provoca a banalização da fotografia, pelo outro, a mesma gera uma democratização e facilitação da vida cotidiana, possibilitando que um número maior de pessoas tenha acesso ao uso da câmera fotográfica, independente do aparelho a qual ela está vinculada. Porém, a democratização não deve ser vista aqui como a maior causadora da banalização. Ela é apenas mais um fator que aliada à mudança do comportamento da sociedade atual, e ao crescimento das *selfies* e das redes sociais, acabam gerando consequências e, por sua vez, vários outros problemas.

Desta forma, é possível perceber que a banalização da fotografia muito mais do que um problema é uma consequência, resultado não de um, mas de vários fatores e que o seu uso desenfreado e abusivo acaba por gerar outros problemas, tais como, o narcisismo exacerbado em virtude do uso das *selfies* e a perda do álbum de família tradicional, que serão abordados nos próximos tópicos.

### **O narcisismo através das *selfies*: a exaltação do “eu”**

Diversas pesquisas divulgadas ao longo dos últimos anos, como as realizadas pela *Ohio State University*<sup>6</sup> e pela *Brunel University London*<sup>7</sup> mostraram haver relação entre o narcisismo (termo derivado a partir do mito de Narciso) e as redes sociais, na qual os usuários através das suas postagens e *selfies* exibem a sua vida pessoal e profissional, os eventos do qual participam, aquilo que comem, compram e vestem na web, criando uma identidade que nem sempre é real, mas que serve para alimentar o ego

<sup>6</sup> Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2015/01/12/selfies-narcissism-sychoopathy\\_n\\_6429358.html](http://www.huffingtonpost.com/2015/01/12/selfies-narcissism-sychoopathy_n_6429358.html)>

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://metro.co.uk/2016/08/15/science-confirms-what-we-already-know-people-who-post-gym-pics-on-facebook-are-massive-narcissists-6068377/>>

daqueles que estão famintos por atenção e adoração, seja através de curtidas ou de comentários: os famosos narcisistas.

De acordo com Goldsmith (*apud* DONDIS, 2003, p. 213-214), o comportamento do homem contemporâneo narcisista e sua visão de mundo são moldados através do uso da fotografia:

Vivemos numa época dominada pela fotografia. No universo invisível do intelecto e das emoções do homem, a fotografia exerce hoje uma força comparável à da liberação da energia nuclear no universo físico. O que pensamos, sentimos, nossas impressões dos acontecimentos contemporâneos e da história recente, nossas concepções do homem e do cosmo, as coisas que compramos (ou deixamos de comprar), o padrão de nossas percepções visuais, tudo isso é modelado, em certa medida e o mais das vezes decisivamente, pela fotografia.

Nas redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram* essas manifestações narcisísticas se apresentam como uma espécie de “jogo de aparências” na qual os usuários criam autorrepresentações, sempre tendo como principal propósito passar a ideia de uma vida feliz, mesmo que não seja essa realidade. (ROCHA, 2016).

Eleita como a palavra do ano de 2013 pelo *Oxford English Dictionary*<sup>8</sup>, o termo *selfie* tornou-se uma febre com o surgimento e popularização de redes sociais, possuindo atualmente diversos filtros e funcionalidades que tornam o ato de fotografar ainda mais interessante.

Sobre a obsessão do homem em fotografar-se, Cohan (2015, p. 7) pontua que:

O *selfie* parece uma obsessão do homem pós-moderno, quem não posta fotos na rede pode não existir. As pessoas querem ver e sobretudo serem vistas. Através do *selfie* a pessoa pode construir sua imagem, criar um personagem, uma nova identidade, mesmo que virtual, faz recortes de fatos e situações, e dispara aquilo que deseja expor sobre si e seu cotidiano.

Muitas das *selfies* narcisistas são aquelas tiradas na frente do espelho, por exemplo, aonde as pessoas gostam de exibir a forma como estão vestidas, maquiadas e, principalmente o seu próprio corpo, ou ainda, aquelas que tiradas em locais inapropriados, perigosos ou que visam “construir” uma identidade pessoal, que na grande maioria das vezes, não condiz com a realidade de certo indivíduo, tendo como principal escopo exaltar o seu “eu” que é capturado de maneira superficial pela fotografia. Para Flusser (1985, p. 25) isso acontece porque “as fotografias são

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://blog.oxforddictionaries.com/press-releases/oxford-dictionaries-word-of-the-year-2013/>>

superfícies imóveis e mudas, que esperam, pacientemente, serem distribuídas pelo processo de multiplicação ao infinito.”.

Já Sontag (2004, p. 18), ressalta que a fotografia deixou de ser apenas uma forma de recordação, se tornando um *hobbie* para as massas:

Em época recente, a fotografia tornou-se um passatempo quase tão difundido quanto o sexo e a dança – o que significa que, como toda forma de arte de massa, a fotografia não é praticada pela maioria das pessoas como uma parte. É sobretudo um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder.

Mais do que uma mania ou obsessão, a *selfie* é um excelente instrumento de poder, sendo capaz de criar novas identidades, perpassar poderio econômico ou até mesmo renovar *status*. Porém, ao mesmo tempo em que ela banaliza a fotografia, ela também expõe a vida privada do usuário na *web*, sem que o mesmo possa mensurar com exata precisão quem ou o quê ela irá atingir, podendo ser vista como uma poderosa forma de controle para os demais usuários e um perigo para a sua segurança e bem-estar.

Enquanto, o jovem e belo Narciso admirava a sua beleza espelhada na Lagoa de Eco, a nova sociedade procura através da lente da objetiva, fotografar-se “literalmente” na frente de um espelho, procurando mostrar aos demais usuários das redes sociais, que a *selfie* tirada de si mesmo, reflete quem ele parece ser e o que ele faz, alimentando o seu ego narcisista através de curtidas e comentários, mas raramente, expondo quem ele realmente é.

### **A perda do álbum de família tradicional**

Nostálgicos e saudosos, os álbuns de famílias são motivos de alegria e constrangimento para diversas gerações, que podem observar através da fotografia, imagens de seus parentes e progenitores em diversas etapas de suas vidas, mas que independente da cena ou ocasião retratada possuem um significado especial. Contudo, o álbum que antes era tátil, pesado e maleável a mão nua, hoje vem se tornando digital, estando cada vez mais leve e instantâneo, presente nos mais diversos *smartphones*, *tablets* e redes sociais ao alcance de poucos cliques sem haver a necessidade de gastar nenhum centavo com a revelação das fotografias.

Essa mudança na forma de consumir imagens fotográficas deve-se em parte a democratização e a popularização da fotografia digital ocorrida após a virada do século e, principalmente, as inovações tecnológicas nas áreas de armazenamento de dados e informações, como os cartões de memória, discos rígidos, *pen-drivers* e as nuvens, os quais possibilitam uma produção de fotografias limitadas unicamente pelo limite da capacidade dos mesmos e pela vontade de quem fotografa essas imagens.

Tudo isso por sua vez acaba tornando o hábito da revelação cada vez mais opcional e meramente casual, acarretando de forma progressiva, mas perceptível, à perda do álbum de família tradicional que vem ganhando destaque e espaço nas redes sociais nos últimos anos.

Entre as redes sociais mais utilizadas para a publicação de álbuns de família estão o *Facebook*, que permite a criação de diversos álbuns com inúmeras fotos, possibilitando o compartilhamento com familiares e amigos na *web* e, também o *Instagram*, na qual os usuários postam com menor frequência e quantidade do que na primeira, mas dispõe do uso da popular *hashtag Throwback Thursday*, ou também conhecida, como *#TBT* (“Quinta-feira do Retrocesso”, no português), cujo qual incentiva os usuários a postarem fotos antigas de álbuns de famílias como forma de recordação naquele determinado dia.

Conforme Lucena, Rosa e Macário (2015, p. 68), apesar da forma de se armazenar fotografias ter mudado, o mesmo não ocorre com a vontade registrar momentos:

Porém, é perceptível que essa forma de recordação tem se modificado, uma vez que o hábito de guardar fotografias em álbuns está cada vez mais rara. No entanto, a vontade de registrar esses momentos continua a mesma, tendo a forma de arquivá-las se modificado.

A fotografia familiar seja aquela tirada dos filhos, parentes e netos ou a que Susan Sontag chamava de voyeurismo não deixou e nem deixará de existir, independentemente da forma como as mesmas são armazenadas, pois elas são registros e memórias de momentos que já podem mais ser vividos, mas que podem ser lembrados e vistos com carinho e nostalgia, além de servirem como base de estudo e análise para as futuras gerações, tendo tanto caráter documental quanto importância pessoal.

---

Destarte, Mota (2014, p. 281) propõe que o uso das redes sociais para a criação de álbuns digitais, seja visto como uma extensão do modelo tradicional e não como uma ruptura do mesmo:

A ‘novidade’ das novas práticas pictóricas nas plataformas das redes sociais não deve ser encarada de forma isolada e descontínua. Porque as fotografias em rede são uma extensão do álbum de família e são simultaneamente radicalmente diferentes. Nada é completamente novo.

Contudo, é visível que a popularização da fotografia digital, não apenas influencia na transformação de formas de se consumir fotografias, tornando o álbum tradicional cada vez mais obsoleto e esquecido nas gavetas e prateleiras, como também acaba por banalizar a fotografia em diversos momentos visto que é possível atualizar os álbuns e perfis nas redes sociais diariamente, tornando todo e qualquer evento digno de divulgação na *web*. (MENEZES, 2014).

Enfim, o álbum de família é uma tradição que já perdura mais de um século e meio e que continuará a existir ainda por um longo tempo, pois como afirma Sontag (2004, p. 28) “Cada foto é um momento privilegiado, convertido em objeto diminuto que as pessoas podem guardar e olhar outras vezes.”. Contudo, em virtude dos avanços tecnológicos, os álbuns ganharam uma nova configuração, estando agora dispostos nas redes sociais e na *web*, de forma rápida e prática, sujeitos e passíveis de banalização, bem como da perda do seu formato tradicional, que fizeram parte das infâncias de diversas gerações, inclusive das nossas.

### **Considerações finais**

Nascida no seio de uma sociedade capitalista que clama acima de tudo pela praticidade, facilidade e instantaneidade, a fotografia digital se tornou onipresente na vida cotidiana do homem do século XXI, revolucionando completamente a sua forma de se comunicar, consumir, produzir e de ver o mundo através da objetiva. O ato fotográfico tornou-se muito mais do que uma forma de recordação, mas sim, em um instrumento de poder, um *hobbie* para as massas e, ainda, um criador de uma miríade de identidades que existem única e exclusivamente através da fotografia.

Os avanços tecnológicos provenientes da convergência midiática e o barateamento dos produtos eletrônicos, tais como, o celular, *smartphone*, a câmera

digital compacta, bem como o surgimento das redes sociais foram os grandes catalisadores da popularização e democratização da fotografia digital.

Sendo que esta, ao mesmo tempo em que traz uma acessibilidade sem precedentes para o dia a dia, tornando até mesmo possível o pagamento de contas com uma única imagem e permitindo que um número maior de pessoas tenha acesso a essa tecnologia, acaba por banalizar o ato fotográfico de forma indiscriminada e inconsequente, o que se agrava consideravelmente quando se percebe que a banalização passa despercebida para grande maioria dos usuários dessas tecnologias, que se encontram em estado de êxtase e fascínio atualizando suas *timelines* nas redes sociais, como se a sua presença *online* demonstrasse quem ele realmente é.

A banalização da fotografia não é uma ilusão ou questão de perspectiva, ela é uma grave consequência da popularização e democratização do processo fotográfico digital e da mudança de comportamento do homem contemporâneo, cujo qual danifica antigos hábitos que fizeram parte da infância de diversas gerações, contribuindo simultaneamente para a extinção do álbum de família como nossos antepassados conheceram, além de alimentar o ego daqueles que estão famintos por adoração e de fama passageira através da fotografia. Apesar de a fotografia estar se tornando cada vez mais efêmera, em virtude do seu uso exacerbado nas redes sociais, cabe a cada indivíduo aprender a sua importância e significância, para que somente assim, possa ser feito bom proveito dela.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara:** nota sobre a fotografia. Tradução Júlio Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica.** In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1994.

Blog Instagram. **Introducing Instagram Stories.** Disponível em: <<http://blog.instagram.com/post/148348940287/160802-stories>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

BOWMAN, Lisa. Metro. **Science confirms what we already know – people who post gym pics on Facebook are massive narcissists.** Disponível em: <<http://metro.co.uk/2016/08/15/science-confirms-what-we-already-know-people-who-post-gym-pics-on-facebook-are-massive-narcissists-6068377/>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

COHEN, Maria C. F. M. **Selfie, a cultura do espelho:** No espelho?. Trabalho de Conclusão de Curso. (Pós-Graduação) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

CORRÊA, Juliana. **A evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital.** Monografia. (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, 2009.

Dicionário Michaelis. **Banalizar.** Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=banalizar.>>. Acesso em: 25 out. 2016.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual.** Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FARIAS, Lídia. **A Fotografia ao Longo do Tempo: da Kodak ao Instagram.** In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (INTERCOM), 2014, João Pessoa.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa prata:** Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985. Disponível em: <[http://www.iphi.org.br/sites/filosofia\\_brasil/Vil%C3%A9m\\_Flusser\\_-\\_Filosofia\\_da\\_Caixa\\_Preta.pdf](http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser_-_Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf)>.

FONTCUBERTA, Joan. **A câmera de pandora: a fotografi@ depois da fotografia.** São Paulo, Ed G. Gilli, 2012.

GREGOIRE, Carolyn. Huffington Post. **Study Links Selfies To Narcissism And Psychopathy.** Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/2015/01/12/selfies-narcissism-psychopathy\\_n\\_6429358.html](http://www.huffingtonpost.com/2015/01/12/selfies-narcissism-psychopathy_n_6429358.html)>. Acesso em: 08 nov. 2016.

KAWAKAMI, Tatiana Tissa. A popularização da fotografia e seus efeitos: Um estudo sobre a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções. 2012. **Projética Revista Científica de Design**, Londrina; v.3, n.1, p. 168-175, jul. 2012.

LUCENA, Layse de S; ROSA, Pedro M; MARCÁRIO, Leatrice F. Fotografia Digital: Reconfiguração do Recurso de Memória da Família Contemporânea de Vitória da Conquista – BA. **Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística Edição Temática em Cultura e Comportamento**, São Paulo; v.5, n.2, 2015.

MENEZES, Renata L. M. da Silva. **Do álbum de família às redes sociais:** mudanças na forma de produção e consumo de fotografias pessoais. In: XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (INTERCOM), 2014, João Pessoa.

MOTA, Sara P. **Dos álbuns de família para as redes sociais:** fotografia em rede na vida cotidiana. In: Atas do III Encontro Anual da AIM. Coimbra: AIM, 2014.

Oxford Dictionaries. **Selfie:** is named Oxford Dictionaries Word of the Year 2013. Disponível em: <<http://blog.oxforddictionaries.com/press-releases/oxford-dictionaries-word-of-the-year-2013/>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

ROCHA, Milena Monforte. **Fotografia:** Identidade e Memória. In: CHIARIONI, Bruno; BIEGING, Patricia. (org.). Horizontes Midiáticos: aspectos da comunicação na era digital. São Paulo: Pimenta Cultural: 2016, 414 p.

ROUILLÉ, André. **A fotografia:** entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Senac, 2009.

SONTAG, Susan. **Sobre a Fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.